

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais
Curso de Ciências Contábeis
7º Período Noite
Administração Financeira

Andressa Ferreira Caldeira
Daiana Correa Rodrigues
Guilherme da Costa Reis
Irina Glória Matos de Oliveira

FLUXO DE CAIXA

Belo Horizonte
10 Novembro 2015

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	2
2 FLUXO DE CAIXA	3
3 CONTEXTO ECONÔMICO	5
4 ABRANGÊNCIA	6
5 METODOLOGIA DE APURAÇÃO E ANÁLISE DO FLUXO DE CAIXA	8
5.1 Origens e aplicações de caixa	8
5.2 Apuração do Fluxo de Caixa por balanços consecutivos	8
5.3 Fluxo de Caixa no sentido restrito e amplo.....	10
5.4 Fluxo de caixa efetivo	12
5.5 Fluxo Indireto	14
6 ADMINISTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA	15
6.1 Ciclo de caixa	15
6.3 Saldo mínimo de caixa	15
6.4 Modelo Miller e Orr	16
7 DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA.....	17
7.1 Atividade Operacional	17
7.2 Atividade de Investimento	17
7.3 Atividade de Financiamento	18
8 ANÁLISE DO FLUXO DE CAIXA.....	19
9 CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho possui o objetivo de discorrer acerca do fluxo de caixa, conhecido em inglês como cash flow, é um instrumento que possibilita o planejamento, a organização, a coordenação, a direção e o controle dos recursos financeiros de uma determinada empresa para um determinado período. O Fluxo de Caixa é um dos mais importantes demonstrativos de análise financeira. Gerencialmente ele é indispensável em todo o processo de tomada de decisões financeiras.

O objetivo da Administração Financeira é maximizar o patrimônio dos acionistas. A função do administrador financeiro é orientar as decisões de investimentos e financiamentos a serem tomadas pelos dirigentes da empresa. Por meio da utilização do fluxo de caixa, o administrador tem um poderoso instrumento para cumprir seu principal objetivo, a maximização do retorno dos proprietários, sem no entanto comprometer a liquidez, reduzindo dessa forma o risco incorrido pelos detentores do controle da empresa.

A metodologia adotada para a elaboração deste trabalho é utilização de pesquisa bibliográfica, baseada principalmente nos livros do Assaf Neto e no CPC 03 - Demonstrações do Fluxo de Caixa.

2 FLUXO DE CAIXA

O fluxo de caixa é uma indispensável ferramenta para sinalizar a situação financeira de um determinado negócio. É de fundamental importância que as empresas liquidem seus inúmeros compromissos, apresentando saldo em caixa nos seus respectivos vencimentos, evitando cortes nos créditos, suspensão de entrega de materiais, mercadorias e diversos outros problemas causados por insuficiência de saldo em caixa.

De acordo com Neto e Tibúrcio (2006, p. 39):

Conceitualmente, o fluxo de caixa é um instrumento que relaciona os ingressos e saídas (desembolsos) de recursos monetários no âmbito de uma empresa em determinado intervalo de tempo. A partir da elaboração do fluxo de caixa é possível prognosticar eventuais excedentes ou escassez de caixa, determinando-se medidas saneadoras a serem tomadas. (NETO; TIBÚRCIO, 2006, p.39).

São estabelecidas previsões para os benefícios econômicos de caixa no horizonte do tempo, com base em informações conjunturais, no desempenho esperado do mercado e na empresa em avaliação.

A base de avaliação de uma empresa são os fluxos de caixa, definidos em termos operacionais, se excluindo, basicamente, as despesas financeiras. Os valores relevantes para sua composição são provenientes da atividade operacional da empresa e disponíveis a todos os provedores de capital, próprios ou de terceiros. (NETO; TIBÚRCIO, 2006).

Segundo Neto e Tibúrcio (2006), considerando que a manutenção do saldo em caixa revela à empresa melhor capacidade de pagamento de suas obrigações, a administração não deve manter suas reservas de caixa em níveis elevados como forma de maximizar sua liquidez. Diferente disto, deve buscar um volume mais adequado de caixa sob pena de incorrer em custos de oportunidade crescente. O ideal é que a empresa faça um balanço entre as características de sua atividade com o desempenho de caixa, avaliando cuidadosamente o seu ciclo operacional.

Os fluxos de caixa podem apresentar-se sob diferentes formas, como restritos, operacionais e residuais, podem ainda o conjunto das atividades financeiras da empresa em sentido amplo, decorrente das operações.

Neto e Tibúrcio (2006) ressaltam que as limitações de caixa não se constituem em característica exclusivas de empresas que convivem com prejuízo, empresas lucrativas também podem apresentar problemas de caixa devido ao comportamento de seu ciclo

operacional. Problemas de caixa podem também ocorrer em lançamentos de novos produtos, fases de expansão da atividade, modernização produtiva e outros.

3 CONTEXTO ECONÔMICO

A ampla concorrência de mercado exige das empresas uma eficiente gestão de seus recursos financeiros, o que reduz a necessidade de capital de giro e promove maiores lucros pela redução de despesas financeiras. Contextos econômicos modernos toleram cada vez menos indecisões relacionadas ao destino e aplicação de recursos financeiros.

Neto e Tibúrcio (2006), afirma que o objetivo básico da função financeira é prover a empresa de recursos de caixa suficientes de modo a cumprir os diversos compromissos assumidos e promover o aumento da riqueza. É importante acompanhar sempre os resultados financeiros de uma empresa, devendo avaliar seu desempenho e se necessário realizar ajustes e correções necessárias.

Destaca-se neste contexto, como instrumento que possibilita o planejamento e o controle de recursos financeiros de uma empresa, o fluxo de caixa. Sendo indispensável em todo o processo de tomadas de decisões financeiras.

4 ABRANGÊNCIA

Conforme Neto e Tibúrcio (2006), a ferramenta fluxo de caixa, permite que se estabeleçam prognósticos com relação a eventuais sobras ou faltas de recursos, em unção do nível de caixa desejado pela empresa. O que traz à realidade organizacional dilema risco e rentabilidade, levando-se em conta que saldos mais baixos de caixa podem provocar, por exemplo, perdas de descontos financeiros vantajosos, já que não se tem a capacidade de efetuar compras à vista. Por outro lado, caixas com maior valor promovem segurança financeira para empresa e possibilitam maior custo de oportunidade.

A área financeira não deve ser a única a se preocupar com tal ferramenta, e sim todos os setores empresariais, como a área de produção, compras, cobrança e vendas, entre outras. Enfim, todas as áreas precisam manter uma sincronização com os resultados líquidos de caixa, desde promover alterações nos prazos de fabricação até manter um controle mais próximo sobre prazos concedidos e hábitos de pagamentos dos clientes. O que permite à área financeira cumprir sua proposta de avaliar criteriosamente o perfil de seu endividamento, fazendo com que os desembolsos necessários ocorram paralelamente à geração de caixa da empresa.

Neto e Tibúrcio (2006, p.41) afirmam que:

O objetivo fundamental para o gerenciamento dos fluxos de caixa é atribuir maior rapidez às entradas de caixa em relação aos desembolsos ou, da mesma forma, otimizar a compatibilização entre a posição financeira da empresa e suas obrigações correntes. (NETO; TIBÚRCIO, 2006, p.41).

De acordo com Neto, os recursos financeiros se movimentam em função das diversas atividades operacionais, financeiras e legais executadas na empresa, o que envolve a administração do capital de giro e as decisões financeiras de longo prazo. É de fundamental importância o conhecimento destas transações para se determinar e analisar as mudanças ocorridas em um determinado intervalo de tempo.

Por outro lado, Neto e Tibúrcio (2006), acreditam que o fluxo de caixa pode ser entendido em um sentido mais restrito. Quando formado de maneira progressiva, no sentido de realização de caixa, provenientes das operações realizadas pela empresa, ou seja, são recursos gerados por suas próprias operações em determinado período.

Neto e Tibúrcio (2006), explica:

O fluxo de caixa proveniente das operações é apurado, na hipótese de realização financeira plena de todas as operações, pela soma do lucro líquido (após o Imposto de Renda e antes dos dividendos e participações) com os custos e despesas caracteristicamente não desembolsáveis, ou seja, aqueles que afetam o resultado do período, mas não consumiram efetivamente recursos (depreciação, apropriação de encargos financeiros por competência, etc.) nesse mesmo período. Deste resultado, ainda, devem ser subtraídas as receitas consideradas na apuração do lucro, mas que não envolveram efetivamente ingressos de recursos, tais como receita de equivalência patrimonial, juros ativos apropriados contabilmente etc. (NETO; TIBÚRCIO, 2006, p.41)

5 METODOLOGIA DE APURAÇÃO E ANÁLISE DO FLUXO DE CAIXA

De acordo com Neto e Silva (2006), é apresentado esquematicamente um modelo normalmente adotado como padrão de apuração do fluxo de caixa, representado na figura 5.

Origens de recursos (Operações que elevam o fluxo de caixa)	\$
Lucro (prejuízo) do Período	XXX
(+/-) Despesas/Receitas que não envolvem recursos	XXX
Fluxo de Caixa Proveniente das Operações	XXX
(+) Aumentos no Passivo e Patrimônio Líquido	XXX
(+) Redução no Ativo	XXX
A. Total dos Aumentos (Origens) de Caixa:	XXX
APLICAÇÕES DE RECURSOS (Operações que diminuem o fluxo de Caixa)	
Aumento no Ativo	XXX
(+) Redução no Passivo e Patrimônio Líquido	XXX
B. Total das reduções (Aplicações) de Caixa:	XXX
C. Variações Líquidas nas Disponibilidades (A-B)	XXX

Fonte: Pesquisa de Origens e aplicações de Caixa, por Neto e Silva (2006).

5.1 Origens e aplicações de caixa

Segundo Neto e Silva (2006), a elaboração do fluxo de caixa de forma simplista, processa-se pela comparação de demonstrativos contábeis de início e de fim do período. Tendo um nível de maior detalhamento e qualidade do relatório gerado, ocorrendo somente através do acesso de informações adicionais aquelas ocasionadas pelos demonstrativos convencionais, manifestando-se os vários movimentos de Caixa. Vale lembrar que não são as operações que causam variações no Caixa. Em nada afetam o resultado de Caixa, mesmo que as transações envolvam qualquer valor pecuniário, como compras à prazo, aumento de capital por incorporação de reservas, etc. Essa análise pode ser ilustrado na figura 5.

5.2 Apuração do Fluxo de Caixa por balanços consecutivos

Conforme Neto e Silva (2006), suponha os seguintes balanços patrimoniais elaborados pela Cia. FLOW, apresentados de forma ilustrativa, referentes aos exercícios X6 e X7, conforme mostra a figura 5.1.

	31-12-X7 (\$)	31-12-X6 (\$)
Disponibilidades	675.000	720.000
Valores a receber	6.300.000	3.500.000
Estoques	2.625.000	2.580.000
Ativo Circulante	9.600.000	6.800.000
Imobilizado	4.560.000	2.400.000
(-) Depreciação Acumulada	-945.000	-480.000
Ativo Permanente	3.615.000	1.920.000
ATIVO TOTAL	13.215.000	8.720.000
Fornecedores	1.800.000	1.200.000
Provisão para IR	600.000	200.000
Empréstimos Bancários	3.000.000	1.800.000
Passivo Circulante	5.400.000	3.200.000
Financiamento a Longo Prazo	1.965.000	1.320.000
Capital	3.150.000	2.400.000
Reservas e Lucros Acumulados	2.700.000	1.800.000
Património Líquido	5.850.000	4.200.000
PASSIVO TOTAL	13.215.000	8.720.000

Fonte: Balanço da Cia. FLOW, por Neto e Silva (2006).

De acordo com Neto e Silva (2006), comparando-se simplesmente os dois balanços elaborados pela Cia. FLOW, revelam uma redução de \$ 45.000 (\$ 675.000 - \$ 720.000) em seu saldo de Caixa ao final do exercício de X7. Perante a isso, pode-se explicar o desempenho das disponibilidades através das seguintes mutações financeiras:

Origens de recursos para o Caixa	
Provenientes de:	
Fornecedores: \$ 1.800.000 - \$ 1.200.000	\$ 600.000
Empréstimos bancários: \$ 3.000.000 - \$ 1.800.000	1.200.000
Provisão para IR: \$600.000 - \$ 200.000	400.000
Financiam. A Longo Prazo: \$ 1.965.000 - \$ 1.320.000	645.000
Património Líquido: \$ 5.850.000 - \$ 4.200.000	1.650.000
TOTAL:	\$ 4495000
Aplicações de Recursos de Caixa	
Aplicados em:	
Valores a Receber: \$ 6.300.000 - \$ 3.500.000	\$ 2.800.000
Estoques: \$ 2.625.000 - \$2.580.000	45.000
Imobilizado: \$ 3.615.000 - \$ 1.920.000	1.695.000
TOTAL:	\$ 4540000
Variação nas Disponibilidades (A - B)	(\$ 45.000)

Fonte: Balanço da Cia. FLOW, por Neto e Silva (2006).

Segundo Neto e Silva (2006), a metodologia mais simples de comparação de dois balanços consecutivos não fornece elementos para uma boa análise. Apesar de apurar exatamente a variação líquida no Caixa, ela mostra-se pouco analítica, pois não evidencia as transações realizadas pela empresa no período e trabalha somente com os resultados finais das contas patrimoniais.

5.3 Fluxo de Caixa no sentido restrito e amplo

Considere a seguinte demonstração de resultados da Cia. FLOW, para o aperfeiçoamento da qualidade analítica do Fluxo de Caixa, apurado para o exercício de X7. (NETO E SILVA, 2006).

Receitas de Vendas	20.200.000
	-
Custo dos Produtos Vendidos	12.000.000
Lucro Bruto:	8.200.000
Despesas com Vendas	-2.500.000
Despesas administrativas	-2.950.000
Despesa de Depreciação	-465.000
Lucro Operacional:	2.285.000
Despesas Financeiras	-785.000
Lucro Antes do IR:	1.500.000
Provisão para IR	-600.000
Lucro Líquido	900.000

Fonte: Demonstrações da Cia. FLOW, por Neto e Silva (2006).

De acordo com Neto e Silva (2006), supondo-se ainda de forma resumida, que os demonstrativos de mutação do patrimônio líquido apresentem os seguintes resultados para o exercício de X7, conforme a figura abaixo:

Patrimônio Líquido (31 - 12 - X6)	4.200.000
Aumento de Capital por Integração	750.000
Lucro Líquido do Exercício de X7	900.000
Patrimônio Líquido (31 - 12 - X7)	5.850.000

Fonte: Mutação do Patrimônio Líquido da Cia. FLOW, por Neto e Silva (2006).

Para os mesmos autores, suponha que existam as seguintes informações adicionais da Cia. FLOW:

Imobilizado	
Saldo inicial (31 - 12 - X6)	2.400.000
Aquisição Realizadas no Exercício	2.160.000
Saldo em 31 - 12 - X7	4.560.000
Financiamento a Longo Prazo	
Saldo inicial (31 - 12 - X6)	1.320.000
Novos Financiamentos Contraídos no Exercício	645.000
Saldo em 31 - 12 - X7	1.965.000

Fonte: Mutação do Patrim nio Líquido da Cia. FLOW, por Neto e Silva (2006).

Segundo Neto e Silva (2006), o que se procura mostrar a partir dos demonstrativos contábeis e informa es adicionais da Cia. FLOW,   as razões das disponibilidades de Caixa terem diminuído em 45.000 num período em que o montante do Lucro Líquido alcançou 900.000.

ORIGENS DE RECURSOS	
Lucro Líquido	900.000
Deprecia�o	465.000
Fluxo de Caixa Proveniente das Opera�es	1.365.000
Aumentos nos Passivos e Patrim�nio Líquido:	
Fornecedores	600.000
Empréstimos Bancários de Curto Prazo	1.200.000
Provisão para IR	400.000
Financiamentos de Longo Prazo Contraídos no Exercício	645.000
Aumentos de Capital por Integraliza�o	750.000
A. Total dos Aumentos (Origens) de Caixa:	4.960.000
APLICA�O DE RECURSOS	
Aumento no Ativo:	
Aquisi�o de Imobilizado do Exercício	2.160.000
Estoques	45.000
Valores a Receber	2.800.000
B. Total das Redu�es (Aplica�es) de Caixa:	5.005.000
Varia�es Líquidas nas Disponibilidades (A - B)	-45.000

Fonte: Origens e aplica es de caixa da Cia. FLOW, por Neto e Silva (2006).

O raciocínio desenvolvido de montagem do fluxo de Caixa restrito Constitui-se uma medida não totalmente exata. O critério adotado não leva em considera o as elementos que afetam o lucro líquido, mas que efetivamente não consumiram recursos de Caixa. (NETO e SILVA, 2006, p. 48).

Segundo Neto e Silva (2006), de todos os itens que formam a demonstra o de resultados, assumem-se a hipótese de realiza o plena, em termos de Caixa.

5.4 Fluxo de caixa efetivo

Para Neto e Silva (2006), deve ser observado que o resultado proveniente das operações da própria empresa, que no caso é de 1.365.000, não indica propriamente um acréscimo nas disponibilidades de caixa. No caso, a empresa pode ter consumido disponibilidades no exercício para custear suas atividades.

É importante ter em consideração que o lucro líquido é um conceito contábil, apurado tradicionalmente pelo regime de competência, enquanto o fluxo de caixa é um conceito elaborado a partir de transações que afetaram efetivamente o disponível da empresa. (NETO e SILVA, 2006, p. 48).

De acordo com os mesmos autores, é necessário um cálculo mais rigoroso do fluxo de caixa:

- Recebimento de vendas – Entram no Caixa da empresa (Vendas realizadas + Variação nos Valores a Receber), ou seja:

Receitas de Venda do Exercício	\$ 20.200.000
(-) Acréscimo nos Valores a Receber	-2.800.000
Vendas efetivamente Recebidas:	\$ 17.400.000

Fonte: Pesquisa sobre Fluxo de caixa efetivo, por Neto e Silva (2006).

- Pagamento a fornecedores – Pode ser obtido da seguinte forma:

Saldo Inicial de Fornecedores (31 -12 - X6)	\$ 1.200.000
(+) Aumento de Estoques no Período	45.000
(+) Custos dos Produtos Vendidos	12.000.000
(-) Saldo Final de Fornecedores (31 - 12 - X7)	-1.800.000
Fornecedores Efetivamente pagos:	\$ 11.445.000

Fonte: Pesquisa sobre Fluxo de caixa efetivo, por Neto e Silva (2006).

- Pagamento de despesas – As despesas operacionais e financeiras foram efetivamente pagas, atingindo o montante de:

Despesas com Vendas	\$ 2.500.000
Despesas Administrativas	2.950.000
Despesas Financeiras	785.000
Despesas Efetivamente pagas:	\$ 6.235.000

Fonte: Pesquisa sobre Fluxo de caixa efetivo, por Neto e Silva (2006).

- IR pago – Em X7 foi pago o IR provisionado no exercício anterior, no valor de 200.000.

De acordo com Neto e Silva (2006), pode-se elaborar da Cia FLOW para o exercício X7, a partir das informações que foram expostas a cima, conforme pode ser visto na figura 5.4.

ORIGEM DE RECURSOS	
Vendas recebidas	17.400.000
(-) Pagamentos a Fornecedores	-11.445.000
(-) Pagamentos de Despesas Operacionais e Financeiras	-6.235.000
(-) Pagamento de Imposto de Renda	-200.000
Fluxo de Caixa Proveniente das Operações	<u>-480.000</u>
Empréstimos Bancários de Curto Prazo	1.200.000
Financiamentos de Longo Prazo Contáidos do Exercício	645.000
Aumento de Capital por Integração	<u>750.000</u>
A. Total dos Aumentos (Origens) de Caixa	2.115.000
APLICAÇÃO DE RECURSOS	
Aquisições de Imobilizado do Exercício	<u>-2.160.000</u>
B. Total das Reduções (Aplicações) de Caixa	2.160.000
Variações Líquidas nas Disponibilidades (A - B)	-45.000

Fonte: Fluxo de caixa efetivo da Cia. FLOW, por Neto e Silva (2006).

De acordo com Neto e Silva (2006), o resultado efetivo de caixa gerado pelas operações da Cia FLOW foi negativo, mesmo apresentando um lucro de \$900.000. Apesar de obter um lucro alto, as entradas de caixa proveniente das vendas no período, mais os recebimentos das vendas realizadas no exercício anterior, não foram suficientes para cobrir os pagamentos por compras e despesas incorridas, obtendo-se um déficit de caixa. Daí é possível notar que, muitas vezes, a empresa pode ter um elevado saldo de seu disponível, mas obter um déficit em seu fluxo de caixa decorrente das operações realizadas.

5.5 Fluxo Indireto

De acordo com Neto e Silva (2006), para se obter o fluxo indireto, é necessário agregar ao valor do lucro líquido as variações do capital de giro, sem incluir os empréstimos bancários, somar ou subtrair as receitas e as despesas (que não representam desembolso de recursos), e retirar os itens das demonstrações do resultado que não estão diretamente relacionados com as operações da empresa.

Segundo Neto e Silva (2006), supondo-se novamente a situação da Cia. FLOW, onde o fluxo de caixa oriundo das operações alcançou menos de \$480.000 (demonstrado na figura anterior). É necessário efetuar os seguintes cálculos para se obter o fluxo de caixa proveniente das operações pelo método indireto:

Lucro Líquido	900.000
+ Variação de Valores a Receber	(2.800.0000)
+ Variação em Estoques	(45.000)
+ Variação em Fornecedores	600.000
+ Variação em Impostos de Renda a Pagar	400.000
+ Depreciação	465.000
= Fluxo de Caixa Proveniente das Operações	(480.000)

Conforme Neto e Silva (2006), o fluxo de caixa é idêntico, tanto pelo método direto quanto pelo indireto. Para os mesmo autores, é mais indicado utilizar o método de fluxo de caixa direto, pois apresenta de forma mais clara a movimentação dos recursos financeiros da empresa, apesar dos valores numéricos serem idênticos. Mas, pesquisas práticas mostram que o método mais utilizado pelas empresas é o indireto, obtendo-se o fluxo de caixa das operações com base no lucro.

Para Neto e Silva (2006), o lado positivo desse método é que ele consegue conciliar o regime de caixa com o regime de competência.

6 ADMINISTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA

O fluxo de caixa é ferramenta indispensável para uma boa gestão de qualquer empresa, no entanto, é necessário estudá-lo para identificar a melhor maneira de administrar seus recebimentos e pagamentos.

Para Neto(2010), a administração eficaz do caixa, tende a manter saldo disponível para cumprir com obrigações das atividades da empresa. No entanto, por não ter nenhum tipo de retorno deste disponível, o saldo de caixa deveria ser nulo. No contexto econômico atual, esta ideia não é sustentável, pois o saldo além de cobrir as obrigações certas, devem se atentar para as incertezas.

6.1 Ciclo de caixa

De acordo com Neto (2010), o ciclo de caixa de uma empresa é o tempo que existe entre o desembolso de despesas até o recebimento das receitas. O estudo do ciclo de caixa é um movimento estratégico em uma companhia, pois, com ele é possível concatenar o dispêndio de valores com a disponibilidade em caixa.

6.2 Uso do float

A palavra float, nos remete a certa quantidade de cheques que foram emitidos pela empresa, porém ainda, não foram compensados em uma conta corrente. “Float é o intervalo de tempo que vai desde a emissão do cheque até sua efetiva liquidação financeira pelo banco” (Neto, 2010, p. 586).

Consequentemente esta situação remete a administração eficiente do caixa. É possível que o valor de um cheque com data de liquidação para 45 dias esteja disponível no dia de sua emissão. No entanto, este tempo proporciona uma capitalização por determinado tempo sem comprometer a liquidez do caixa.

6.3 Saldo mínimo de caixa

De acordo com Neto (2010), o objetivo geral da manutenção de um saldo mínimo de caixa é o de permitir que a empresa possa corretamente saldar seus compromissos

programados e manter, ainda, uma reserva de segurança de forma a cobrir suas necessidades de pagamentos imprevistos.

Não é simples tarefa determinar o montante ideal a ser mantido em caixa, uma forma determinar o saldo é através do método histórico das entradas e saídas, porém, mesmo assim se trata de uma proposição probabilística, pois não é certo do mesmo acontecer ou acontecer em valores diferentes.

Para Neto (2010), as entradas e saídas motivadas por investimentos permanentes, captação de longo prazo não são constantes. Sendo assim, não influencia o caixa continuamente. É necessário que este movimento seja relacionado as estratégias financeiras da empresa para que possam ser incluídos na necessidade mínima operacional de caixa.

O saldo mínimo de caixa pode ser calculado segundo Neto (2010), pela fórmula desembolso total de caixa esperado/giro de caixa no período.

6.4 Modelo Miller e Orr

Este modelo é recomendado para situações de incertezas. De acordo com Miller e Orr citado por Neto (2010, p. 592) “o saldo do caixa pode ser elevado ou diminuído em função de transações desconhecidas com antecedência. Com isso são estabelecidos limites para as transferências de título negociáveis em caixa”.

A definição de limites não é fixa, varia de acordo com a estratégia e o contexto econômico e financeiro que a empresa vive. No entanto, a boa gestão destes limites pode trazer receitas financeiras para a empresa, uma vez que, com o caixa extrapolando limites para mais ou para menos, é possível efetuar resgates para cumprimento de exigíveis ou investimentos.

7 DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA

Como dito anteriormente, o fluxo de caixa é uma ferramenta muito útil para a tomada de decisão, são diversos os interessados em suas informações, dentre eles diretores e investidores. A partir da lei 11638 a (DOAR) Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos deixou de ser de uso obrigatório pois se fez necessário a convergência para as (IRFS) International Financial Reporting Standarts, onde se assumiu a obrigatoriedade do uso da (DFC) Demonstração do Fluxo de Caixa.

A demonstração do fluxo de caixa segundo o Comitê de Pronunciamentos Contábeis (2010) é a união dos fluxos de caixa das atividades operacionais, de financiamentos e de investimentos, seguindo alguns critérios para sua apresentação.

7.1 Atividade Operacional

O fluxo de caixa operacional é parte principal da composição da demonstração, pois através dele é demonstrada a capacidade que a empresa tem de gerar sua própria riqueza, ou seja, sua capacidade de alimentar suas atividades e arcar com suas exigibilidades sem buscar origens fora da companhia.

Segundo o Comitê de Pronunciamentos Contábeis (2010) as atividades operacionais são:

Recebimentos de caixa pela venda de mercadorias e pela prestação de serviços, recebimentos de caixa decorrentes de *royalties*, honorários, comissões e outras receitas, pagamentos de caixa a fornecedores de mercadorias e serviços, pagamentos de caixa a empregados ou por conta de empregados, recebimentos e pagamentos de caixa por seguradora de prêmios e sinistros, anuidades e outros benefícios da apólice, pagamentos ou restituição de caixa de impostos sobre a renda, a menos que possam ser especificamente identificados com as atividades de financiamento ou de investimento e recebimentos e pagamentos de caixa de contratos mantidos para negociação imediata ou disponíveis para venda futura. (CPC, 2010, p.5)

7.2 Atividade de Investimento

A atividade de investimento é destinada a demonstrar a capacidade de a empresa gerar caixa futuramente, esses desembolsos somente podem ser reconhecidos como investimento se necessariamente for reconhecido uma ativo.

Conforme o Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC, 2010) as atividades de investimentos são:

Pagamentos em caixa para aquisição de ativo imobilizado, intangíveis e outros ativos de longo prazo. Esses pagamentos incluem aqueles relacionados aos custos de desenvolvimento ativados e aos ativos imobilizados de construção própria, recebimentos de caixa resultantes da venda de ativo imobilizado, intangíveis e outros ativos de longo prazo, pagamentos em caixa para aquisição de instrumentos patrimoniais ou instrumentos de dívida de outras entidades e participações societárias em *joint ventures* (exceto aqueles pagamentos referentes a títulos considerados como equivalentes de caixa ou aqueles mantidos para negociação imediata ou futura), recebimentos de caixa provenientes da venda de instrumentos patrimoniais ou instrumentos de dívida de outras entidades e participações societárias em *joint ventures* (exceto aqueles recebimentos referentes aos títulos considerados como equivalentes de caixa e aqueles mantidos para negociação imediata ou futura), adiantamentos em caixa e empréstimos feitos a terceiros (exceto aqueles adiantamentos e empréstimos feitos por instituição financeira), recebimentos de caixa pela liquidação de adiantamentos ou amortização de empréstimos concedidos a terceiros (exceto aqueles adiantamentos e empréstimos de instituição financeira), pagamentos em caixa por contratos futuros, a termo, de opção e *swap*, exceto quando tais contratos forem mantidos para negociação imediata ou futura, ou os pagamentos forem classificados como atividades de financiamento e recebimentos de caixa por contratos futuros, a termo, de opção e *swap*, exceto quando tais contratos forem mantidos para negociação imediata ou venda futura, ou os recebimentos forem classificados como atividades de financiamento. (CPC, 2010, p.5).

7.3 Atividade de Financiamento

A atividade de financiamento demonstra o fluxo de necessidade de capital em determinado momento para cumprir com obrigações futuras. De acordo com o Comitê de Pronunciamentos Contábeis as atividades de financiamento são:

Caixa recebido pela emissão de ações ou outros instrumentos patrimoniais, pagamentos em caixa a investidores para adquirir ou resgatar ações da entidade, caixa recebido pela emissão de debêntures, empréstimos, notas promissórias, outros títulos de dívida, hipotecas e outros empréstimos de curto e longo prazos, amortização de empréstimos e financiamentos, pagamentos em caixa pelo arrendatário para redução do passivo relativo a arrendamento mercantil financeiro. (CPC, 2010, p.7)

8 ANÁLISE DO FLUXO DE CAIXA

Neto e Tibúrcio (2006, p. 42) afirmam que “a demonstração do fluxo de caixa para o usuário externo segregava os itens em três grandes grupos: fluxos das atividades de investimentos, das atividades de financiamento, e das atividades operacionais.”

Nas atividades de investimentos o fluxo de caixa está relacionado com as movimentações de caixa que vão afetar o ativo permanente da empresa, são decisões de investimento de longo prazo. Geralmente esse fluxo de caixa é negativo, representando os desembolsos para investimento. Caso contrário, fluxo positivo, indicam redução no imobilizado da empresa.

As movimentações de caixa referentes a pagamentos de empréstimos, integralização de capital, pagamentos de dividendos, entre outras, compõem o fluxo de caixa das atividades de financiamento. Em fases de elevado crescimento, o volume de recursos será superior aos pagamentos, deixando o fluxo positivo, e tende a ficar negativo em momentos de consolidação de empreendimentos.

Os fluxos de caixas operacionais, são gerados através dos resultados da empresa e estão vinculados à gestão de capital de giro. Trata-se de um dos mais relevantes indicadores de solvência de uma empresa.

O comportamento do fluxo de caixa será influenciado por diversas variáveis, como o setor de atuação da empresa, o ambiente econômico, a fase do ciclo de vida da empresa e a existência de novos projetos de investimento, ressalta Neto e Tibúrcio (2006).

9 CONCLUSÃO

Após o desenvolvimento deste trabalho observou-se que o fluxo de caixa é um instrumento de controle que tem por objetivo auxiliar o empresário ou gestor a tomar decisões sobre a situação financeira da empresa.

O fluxo de caixa consiste em um relatório gerencial que informa toda movimentação de dinheiro - entradas e saídas-, sendo extremamente importante para as empresas por se fazer essencial para que as companhias obtenham sucesso, tendo em vista que a falta do fluxo de caixa torna impossível o planejamento estratégico da empresa.

Dessa forma, o demonstrativo de fluxo de caixa deve focalizar os recebimentos e pagamentos em termos de caixa e deve analisar as variações nos saldos e aplicação de caixa.

Assim, o fluxo de caixa se torna importante por auxiliar a organização, a coordenação, a direção e o controle dos recursos financeiros de uma determinada empresa para um determinado período, se tornando umas das principais demonstrações financeiras utilizadas.

A falta de conhecimento dessa ferramenta por parte do empresário afeta a gestão da empresa, já que o fluxo de caixa se torna eficaz para um melhor desempenho da empresa, demonstrando a real situação do caixa da empresa.

A lei 11.638/2007 tornou obrigatória a apresentação deste controle. Com isso, a tendência é que o fluxo de caixa ao longo do tempo deixe de ser elaborado apenas para cumprir com a legislação, mas que se torne também uma fundamental ferramenta para o auxílio da gestão econômica e financeira da entidade, influenciando na tomada de decisão.

REFERÊNCIAS

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS. **CPC 03**: Demonstrações do Fluxo de Caixa. Brasil, 2010.

NETO, Alexandre Assaf; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

NETO, Alexandre Assaf. **Finanças corporativas e valor**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.